

PSDB pode realizar prévias para escolha de candidato a presidente

Clipping *Presidência*

Marcelo de Moraes
De Brasília

Pela primeira vez desde a sua fundação em 1988, o PSDB poderá realizar prévias para escolha do seu candidato à sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso. A idéia começa a ganhar forma entre alguns líderes tucanos dispostos a promover um pleito interno para definição do candidato à presidência em 2002. A situação atinge simultaneamente o PT, o maior partido de oposição, que também sinaliza a realização de prévias para escolha do nome para a sucessão.

O prefeito de Vitória, o tucano Luiz Paulo Velloso Lucas, já anunciou seu apoio à realização de prévias dentro do partido enquanto o líder do governo no Senado, José Roberto Arruda, também admite a hipótese. No PSDB, não existem candidaturas oficiais, mas dois nomes já foram lançados publicamente por aliados. O primeiro é o governador do Ceará, Tasso Jereissati, que recebeu o importante apoio público do governador de São Paulo, Mário Covas. De quebra, tem ainda o respaldo político do presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), o que facilitaria a manutenção da atual aliança de sustentação do governo.

O outro é o ministro da Saúde, José Serra, que recebeu seu primeiro apoio público expressivo na semana passada do prefeito Velloso Lucas. Serra tem menos trânsito político do que Tasso dentro do PFL. Mas, em compensação, agrega mais apoio entre os pemedebistas do que o governador cearense. Embora tenha começado sua vida política no PMDB, Tasso é hoje, inclusive, adversário regional do partido no Ceará.

A possibilidade concreta de realização de prévias no PSDB acontece no rastro do segundo

mandato de FHC. Desde sua criação, o PSDB participou de três eleições presidenciais. Em 1989, Mário Covas disputou a eleição pelo partido e terminou em quarto lugar, atrás de Fernando Collor, Lula e Leonel Brizola. Em 1994, FHC acabou sendo o escolhido, liderando a aliança com o PFL. Em seu mandato foi instituída a emenda da reeleição e, novamente, foi eleito, em primeiro turno, em 1998.

Para 2002, existe ainda um fator complicador. Não há qualquer definição sobre a manutenção ou não da atual aliança política entre PSDB, PFL e PMDB. Se o crescimento demonstrado pelos partidos de oposição nas últimas eleições municipais aponta a preservação da aliança como o caminho mais seguro para a manutenção do poder, disputas entre líderes dessas legendas atrapalham a formatação de um acordo.

Além do PSDB, tanto o PFL como o PMDB também têm seus pré-candidatos. No PMDB, o comando do partido já lançou o nome do senador Pedro Simon (RS). Esse movimento, que foi subestimado no momento do seu lançamento, já ganhou relevância política e não há hoje qualquer garantia de que o PMDB prefira trocar Simon no primeiro turno para apoiar um candidato tucano ou pefelista em nome da unidade da atual aliança.

No PFL, a situação é um pouco mais nebulosa. Dos três integrantes da aliança, o PFL é o que mais se empenha por uma chapa de consenso. ACM defende a candidatura de Tasso, enquanto o presidente do PFL, senador Jorge Bornhausen (SC), já sugeriu o nome do presidente do Banco Central, Armínio Fraga, como uma opção de candidatura presidencial, com o objetivo de delimitar espaço de uma grande fatia do PFL que não segue orientação de ACM e estava irritada com a pre-

capitação de seu apoio ao governador cearense.

Entre os quadros pefelistas, o vice-presidente Marco Maciel, a governadora do Maranhão, Roseana Sarney, e o próprio ACM seriam hoje os nomes com densidade política suficiente para se arriscarem numa disputa presidencial. Mas o único que teria se manifestado em lançar-se como candidato é o governador do Paraná, Jaime Lerner.

Se entre os aliados, o quadro político ainda está bastante aberto, dentro do PT a situação é mais clara. A realização das prévias já parece garantida com a possível participação de três pré-candidatos: Luiz Inácio Lula da Silva, o senador Eduardo Suplicy (SP) e o ex-governador do Distrito Federal Cristovam Buarque. A disposição de Suplicy em lançar sua candidatura colocou o PT na inédita situação de submeter ao crivo interno do partido mais de um nome para a sucessão presidencial. Nas três eleições anteriores, Lula foi apontado como o candidato, sacramentado pela imensa maioria do partido.

Agora, Lula ainda é o grande favorito para ser novamente candidato do partido em 2002. Mas suas três derrotas anteriores — as duas últimas para Fernando Henrique sem sequer conseguir chegar ao segundo turno — fizeram com que uma parte significativa dos petistas já questione se não é hora de escolher outro candidato.

Os dados de pesquisa não animam muito a hipótese de prévias, mas de qualquer forma os nomes novos em cada partido, inclusive no PT, têm um grau de apoio, agora, infinitamente menor que os mais conhecidos. Pesquisa Datafolha, publicada no domingo, aponta que, não sendo Lula o candidato do PT, Ciro Gomes (PPS) fica em primeiro lugar nas intenções de voto, longe dos demais.